

Ensino de arte e formação de professores: a aula como invenção de possibilidades

Sumaya Mattar 

(Universidade de São Paulo — USP, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO — Ensino de arte e formação de professores: a aula como invenção de possibilidades — O atual contexto da pandemia e as noções de invenção de Ailton Krenak e José Antonio Marina são o ponto de partida para as reflexões sobre a noção de aula de arte como invenção de possibilidades desenvolvidas no texto. Ao mesmo tempo que as relações entre ensino de arte, escola pública e formação de professores são tecidas, o trabalho realizado na fase inicial do Subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica da Universidade de São Paulo é parcialmente apresentado e analisado.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de arte. Formação de professores. Aula de arte. Residência Pedagógica. Criação pedagógica.

ABSTRACT — Art education and teacher training: the classroom as an invention of possibilities — The current context of the pandemic and the notions of invention of Ailton Krenak and José Antonio Marina are the starting point for reflections on the notion of art class as invention of possibilities developed in the text. At the same time that relations between art education, public school and teacher training are woven, the work carried out in the initial phase of the Art Subproject of the Pedagogical Residency Program at the Universidade de São Paulo is partially presented and analyzed.

KEYWORDS

Art education. Teacher training. Art class. Pedagogical Residence. Pedagogical creation.

RESUMEN — Educación artística y formación del profesorado: el aula como invención de posibilidades — El contexto actual de la pandemia y las nociones de invención de Ailton Krenak y José Antonio Marina son el punto de partida para reflexiones sobre la noción de clase de arte como invención de posibilidades desarrollado en el texto. Al mismo tiempo que se tejen las relaciones entre la educación artística, la escuela pública y la formación docente, se presenta y analiza parcialmente el trabajo realizado en la fase inicial del Subproyecto Arte del Programa de Residencia Pedagógica de la Universidade de São Paulo.

PALABRAS CLAVE

Educación artística. Formación de profesores. Clase de arte. Residencia Pedagógica. Creación pedagógica.

(...) talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos (Ailton Krenak, 2019, p.63).

No início de 2019, quando Ailton Krenak proferiu as palestras que deram origem à obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, publicada poucos meses depois, a devastadora pandemia de covid-19 ainda não era uma realidade. Para ele, o “fim do mundo” se daria pelo aumento extremo da temperatura do planeta, a qual nenhum tipo de vida sobreviveria.

A epígrafe desta reflexão faz alusão ao *paraquedas*, dispositivo destinado a salvaguardar vidas, que converte a queda em pouso. Melhor que sejam *coloridos, divertidos, prazerosos*, escreve Krenak, pois a existência humana não depende apenas de integridade física, senão, também, de sentimento de alegria e contentamento, o que, em outras palavras, talvez seja o mesmo que ter esperança.

Seja pelo aquecimento global, pela covid-19 ou por qualquer outro tipo de ameaça à vida e ao planeta, esse pequeno grande livro de Krenak nos convida à reflexão sobre a necessidade de protegermos o mundo e a nós mesmos da destruição.

Quase vinte anos antes desta publicação, uma voz saída da Espanha, vinda de um outro filósofo, expressava uma preocupação semelhante. Para José Antonio Marina, em seu livro *Ética para náufragos* (1996), os seres humanos são *náufragos*, pois são incapazes de encontrar uma maneira para se salvar; uma vez que desperdiçam a inteligência em feitos que nada oferecem à sua principal tarefa, que é a de inventar possibilidades de existência e coexistência dignas para todas as pessoas.

Embora bastante distantes no tempo e no espaço, Krenak e Marina se referem ao mesmo mundo e partem de uma mesma pergunta: O que fazer? Inventar, eis a resposta de ambos.

Marina compreende a *arte da invenção* como a combinação da realidade com as possibilidades:

Híbridos da realidade e da possibilidade, somos cidadãos divididos entre a realidade e o desejo.
Conjugar a realidade e a possibilidade é a grande arte da invenção. A sua integração impede-nos de cair na mera fantasia. (MARINA, 1996, p. 31).

Assim, invenção não tem relação com fuga, escape, ilusão ou negação da realidade, já que não se trata de eliminação da queda, como alertou Krenak. Antes, é a forma pela qual a inteligência criadora lida com a realidade, o justo encontro entre o possível e o impossível e de onde emerge a novidade, uma operação mais do que necessária em um mundo que clama por preservação e cuidado, por mudança e transformação, e no qual setor algum, tampouco a educação e o ensino de arte, foi poupado das consequências da pandemia.

Nesse cenário, o que significa compreender a aula de arte como espaço de invenção? E em que tal compreensão contribui para a reflexão sobre a formação e atuação de professores de arte? O tema impõe sua relevância.

Sem arte e sem educação a vida seria impossível, pois ambas nos arrancam do ordinário, livram-nos do confinamento intelectual e nos ajudam a transcender o presente e inventar outros futuros possíveis, como no poema abaixo escrito por uma licencianda, que traduz poeticamente a ideação de escola que habita a sua imaginação¹.

Minha escola
A minha escola perfeita não tem muros,
Não tem grades
Não tem traves
Na minha escola perfeita
tem grama verde
Flores
Dentro de um lindo campo ela é feita
Tem cadeiras, mas tem chão
pra quem quiser se esparramar
Tem conversa em roda
Em grupo
Em equipe
Tem debates sem medo
Ninguém precisa ficar de segredo

pra constranger o coleguinha
Tem uma sala só com espelho e piso de madeira
Pra sobrar bastante espaço pra criação e brincadeira
E pra todos se acostumarem a se ver
Se reconhecer
Se reinventar no desafio
Tem a sala da conversa
Mas tem o cantinho da escuta, da reflexão
Pois o silêncio é tão importante quanto uma grande discussão
Tem cada matéria no seu espaço e tem o espaço de todos
Tem rampa, escada, elevador
Não tem constrangimento, não brigas, não dor
Cada um se descobrindo e ressignificando
Ah, e tem também muitos jogos e criação
Porque a gente aprende muito brincando
Sem deixar a diversão
Minha escola é feita de GENTE
De universos
De mundos diversos
E a gente construindo junto com o igual e o DIFERENTE

Esse e outros muitos exercícios que são propostos, por mim, aos estudantes de licenciatura e professores de arte, que denomino *atos cartográficos*, não são destinados a alimentar suas eventuais ilusões ou consciência ingênua a respeito da educação, mas, sim, a ajudá-los a exercitarem livremente a imaginação, sem se deixarem abater pelas realidades, e, a partir delas, inventarem outras escolas possíveis, o que não deixa de ser uma forma de organizar ideias, fazer escolhas e ensaiar ações transformadoras na “vida real”.

O pressuposto dialógico que faz parte tanto da educação quanto da arte faz, de ambas, importantes instrumentos de humanização.

Ainda que as obras tenham certa autonomia, elas só se completam quando alcançam seus destinatários, ou seja, quando os polos da produção e da fruição se integram no encontro simbólico entre artista e público. A educação, e, por extensão, a *aula* também pressupõe encontro e interlocução.

A etimologia da palavra aula é curiosa, remete tanto a palácio e sala da corte, quanto a curral de ovelhas, espécie de antessala de abate, mas também guarda relação com o pátio vazio onde habitavam os trabalhadores das cortes dos palácios.

Se de um lado a relação com curral remete à ideia de martírio e nos joga em uma espécie de limbo etimológico, de outro, a referência espacial, sobretudo a espaço vazio, sugere um *locus* cuja construção depende de quem vai habitá-lo. Ou seja, a aula (e também a escola) não existe a priori, sua existência e razão de ser dependem da vontade e da disponibilidade de professores e estudantes para se implicarem em sua construção.

Como em uma sinfonia que resulta da reunião harmônica de diversos instrumentos, sem que um se sobreponha ao outro e ao conjunto, a aula — em especial a de arte — é feita de diferentes vozes e múltiplos objetos, imagens, obras, instrumentos e materialidades, que convidam ao estudo, à pesquisa e à imaginação e encorajam a descoberta, a experimentação, a criação e a realização — real ou simbólica — de *possibilidades*, portanto, trata-se de um espaço muito propício à invenção.

Talvez esta noção de aula de arte como espaço coletivo, dialógico, que convida ao livre exercício da imaginação criadora, à invenção de *mundos possíveis*, esteja correndo riscos no atual contexto pandêmico, em que as transformações digitais se aceleram de forma vertiginosa e alcançam todos os níveis de ensino, o modo de vida de estudantes e professores e a maneira como pensam, interagem, estudam, trabalham e se relacionam.

A ideia de que se pode aprender em qualquer lugar e de que não é mais necessário se deslocar para isso, ao lado do desenvolvimento de inúmeros recursos tecnológicos, desmaterializa — e desumaniza — a produção e a mediação de obras de arte, sobretudo as que envolvem mais diretamente o corpo e o trabalho coletivo, como a dança e o teatro, por exemplo.

Palcos e espaços expositivos virtuais e os denominados “ambientes de aprendizagem” tomam o lugar dos teatros, museus, galerias e salas de aula e invadem, sem cerimônia, os nossos lares, embaralhando as fronteiras entre o público e o privado. A aula de arte, que também foi transferida para o plano virtual,

afastou-se da sua materialidade e da concretude representada pelas oficinas, palcos e ateliês. Onde foram parar a voz, os sentidos, o toque, o olhar e o movimento dos corpos dos artistas, estudantes e professores?

A proliferação de cursos à distância em nível de graduação e pós-graduação não é algo novo em nosso país, mas essa modalidade de ensino manteve-se relativamente distante da Educação Básica até a chegada do coronavírus. A situação se modificou drasticamente em pouco mais de um ano de pandemia, desde que, acertadamente, como medida protetiva à vida, todos os níveis de ensino passaram a ser oferecidos de forma remota. A questão é que a desastrosa maneira com que o assunto tem sido conduzido, tanto por autoridades governamentais, quanto por empresários da educação, e até por outros setores da sociedade, tem trazido consequências nefastas para as escolas, para os estudantes e para os profissionais da educação, chegando a provocar situações dramáticas e diversos problemas relacionados, inclusive, à saúde física, mental e emocional, além de aumentar exponencialmente as desigualdades de acesso à educação.

São muitos os estudantes de escolas públicas que não possuem aparelhos celulares, computadores, tablets e acesso à internet, por exemplo, necessários ao devido acompanhamento de eventuais atividades preparadas — a duras penas, pelos professores, que também possuem poucos recursos — e poucas são as escolas que conseguem manter algum tipo de contato com a comunidade escolar, fato que aumenta ainda mais a evasão.

Desse naufrágio anunciado, que ameaça levar todos os nossos sonhos e utopias voltados à educação e à arte, emergem preocupações específicas relacionadas à formação e à atuação de professores de Arte, às quais tenho me dedicado ao longo de toda a minha carreira como professora e pesquisadora.

Também estou tendo de lidar com os desafios do ensino remoto, já que as aulas presenciais na Universidade, onde trabalho, estão suspensas desde março

de 2020. Após um ano do início desta inédita e desafiadora experiência, penso ter aprendido e descoberto algumas formas de organizar o trabalho nas disciplinas que ministro, e, talvez, também possa afirmar que coisas muitas interessantes foram desenvolvidas graças ao esforço empreendido por mim e pelos estudantes, mas nada se compara à possibilidade de encontrar-me semanalmente com eles no espaço físico da sala de aula para aprendermos e construirmos juntos as nossas aulas.

De todas os desafios com que tive de lidar neste último ano, a organização do estágio curricular obrigatório de estudantes de licenciatura em Artes Cênicas, Artes Visuais e Música, participantes do Subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica da Universidade, talvez tenha sido o que mais questões trouxe à minha prática como professora. O Subprojeto Arte foi iniciado oficialmente em outubro de 2020, mas começou bem antes da pandemia se instalar de fato, com o desejo de reunir, em torno da escola pública, professores de Arte e estudantes das três referidas licenciaturas.

Há mais de duas décadas, trabalho nesta perspectiva de parceria com escolas públicas nas disciplinas que ministro no curso de licenciatura em Artes Visuais, com professores que aceitam contribuir com a formação dos licenciandos, porém, ainda não tinha contado com o oferecimento de bolsas para todos, tão pouco tinha tido oportunidade de reunir licenciandos dos diferentes cursos em torno de uma proposta de estágio. Tudo isso só foi possível com o Programa de Residência Pedagógica da CAPES.

O Subprojeto Arte representa uma situação ideal de formação inicial e continuada de professores, já que, além de fortalecer os laços entre universidade e escola pública, são oferecidas bolsas para todos os residentes e preceptores, que podem se dedicar tanto à escola quanto à própria formação. Ele também favorece a composição de uma equipe de natureza multidisciplinar com grande potencial de enriquecimento da formação artística e pedagógica de todos, alimentando o trabalho coletivo e encorajando a realização de projetos

interdisciplinares. A situação ideal de formação docente também se dá porque o Subprojeto garante a participação de professores de Arte experientes que valorizam e lutam por sua disciplina e se prontificam a acompanhar os residentes em sua jornada (e aprendem muito neste processo), contribuindo para que eles enfrentem, com menos dificuldades, os desafios do ingresso no ofício docente².

O estágio realizado no âmbito do Subprojeto contribui para a superação da distância entre teoria e prática, oferecendo oportunidade de os futuros professores entrarem em contato com a realidade das escolas, pois, ao acompanharem múltiplas condutas pedagógicas e diversos modos de organização escolar, eles mobilizam e ampliam conhecimentos construídos ao longo da graduação e se preparam para enfrentar as exigências da profissão³.

O Subprojeto é organizado em três módulos de seis meses de duração cada, durante os quais os residentes passam por um processo voltado à crescente e paulatina construção de sua autonomia intelectual e metodológica, que são assim denominados: Módulo I: “Reconhecer, conviver e cooperar: a escola, seu território e seus atores”; Módulo II: “Coabitar, criar e implementar: a arte no cotidiano da escola”, e Módulo III: “Expandir, aprofundar e consolidar: ações e proposições poético-pedagógicas”⁴.

Trata-se de um processo bastante trabalhoso, que envolve diversas atividades e situações de formação e atuação, entre as quais: identificação de problemas concernentes à prática educativa e utilização de referenciais teóricos para analisá-los criticamente; elaboração de hipóteses para lidar com problemas extraídos dos territórios das escolas; levantamento de características, necessidades e potencialidades dos estudantes; realização de trabalho cooperativo e colaborativo com os preceptores, demais residentes e educadores; utilização de conhecimentos práticos e teóricos como recursos para serem integrados e mobilizados à práxis educativa; criação e experimentação de novos meios e propostas de ensino; planejamento e condução de projetos voltados aos estudantes; adoção de planejamentos abertos e flexíveis; experimentação de

possibilidades de trabalho interdisciplinar e multidisciplinar e incorporação da prática da reflexão crítica, do registro e da documentação ao trabalho diário, entre outras.

Em todos os módulos, estão previstas inúmeras situações de formação de equipe, planejamento e regência de aula, que envolvem reuniões para constituição de equipe e formação continuada; estudos preparatórios para a inserção na escola; planejamento e avaliação das ações educativas desenvolvidas; compartilhamento de experiências; experimentação didática com os participantes do Subprojeto para fomentar a criação pedagógica e adequar as ações educativas; observação do cotidiano escolar e imersão nas escolas; coleta de dados para subsidiar o planejamento das propostas; acompanhamento e assistência ao professor preceptor; análise e reflexão dos dados levantados nas escolas; elaboração de relatórios parciais e finais; realização de seminários; avaliação dos módulos e do Subprojeto; organização de grupos de estudo com temas extraídos das escolas; elaboração de registros verbais e visuais e organização de portfólio com a documentação produzida ao longo dos módulos, entre outras.

A premissa de que a aula de arte é um espaço de invenção tanto para os professores quanto para os estudantes foi naturalmente integrada ao Subprojeto Arte, o que faz com que o foco do trabalho formativo seja colocado na criação individual e coletiva de ações educativas para o Ensino Fundamental, tendo como ponto de partida os dados levantados pela imersão na escola e as tendências poéticas, pedagógicas e científicas dos residentes.

Os principais desafios que tivemos de enfrentar durante o Módulo I estão diretamente relacionados à transformação das escolas em espaços virtuais e às implicações do distanciamento social ao trabalho educativo em arte. A esses desafios somam-se algumas preocupações dos residentes: como lidar com a ausência e a pouca participação dos estudantes nos encontros virtuais? Como trabalhar a especificidade de cada área envolvida no Subprojeto sem incorrer na superficialidade?

A noção de trabalho docente, como a somatória de estudo, pesquisa e criação, encorajou os residentes a buscarem e formularem possíveis respostas a essas e outras questões. Assim como previsto por Krenak e Marina, a conjunção do desejo e da realidade instaurou um trabalho genuinamente criador entre eles e os preceptores, junto às equipes das escolas-base, do qual foram extraídos os materiais essenciais que alimentaram os processos de criação das ações desenvolvidas ao longo do primeiro módulo.

A coleta de dados se deu pelo acompanhamento das atividades virtuais desenvolvidas nas escolas, que envolveram: aulas, festas, saraus, reuniões com a comunidade e reuniões pedagógicas, entre outras. Também foram estudados os projetos político-pedagógicos e outros documentos com informações sobre as escolas, seu entorno e suas comunidades. Esse intenso processo, que durou cerca de dois meses, inspirou a produção, pelos residentes, de textos muito bem estruturados e fundamentados, que, por sua vez, ofereceram a sustentação teórica e empírica para a ultrapassagem da estagnação provocada pela situação pandêmica, assim como o abandono de uma certa visão ingênua de educação, escola e ensino de arte.

As três etapas percorridas – constituição de equipe; conhecimento das escolas; criação e proposição de ações educativas envolveram, além de muito trabalho, dedicação, escrita, diálogo, reflexão, criação e organização para conseguirmos lidar com a enorme produção de materiais diversificados gerados por todas essas atividades. O *WhatsApp*, o *e-mail* e os *drives* foram fundamentais para todo esse processo, pois garantiram a comunicação e o armazenamento de materiais de várias naturezas, que foram acomodados em pastas temáticas, além das pastas de cada escola e de cada residente, às quais todos são administradores.

As equipes aprenderam a trabalhar coletivamente, algo que, no início, parecia impossível em ambiente remoto. Elas criaram rotinas, dividiram tarefas e responsabilidades, estabeleceram acordos e regras, superaram resistências

personais, ideológicas, conceituais e metodológicas, planejaram e criaram juntos aulas e propostas de trabalho com os estudantes, algumas das quais interdisciplinares. Também criaram formas de se comunicar com os estudantes, utilizando todos os recursos possíveis e a própria arte, como vídeos, *podcasts*, *cards*, álbum de figurinhas, contos, ilustrações, entre outros⁵.

O esforço trouxe frutos substanciais. Ainda em meados do primeiro módulo, as três equipes já estavam plenamente constituídas, cada qual com a sua própria dinâmica de trabalho, e em pleno processo de criação das propostas de trabalho com os estudantes. Se, no início, havia alguma dúvida sobre a relevância de trabalho com arte nas escolas em meio à pandemia, com o desenvolvimento e a avaliação das primeiras proposições e a apreciação das produções dos estudantes, os residentes perceberam a importância do que estavam realizando, e, logo, compreenderam que o que poderia mantê-los firmes em seus propósitos, ante as contingências das realidades de cada contexto escolar, viria da potência da própria arte.

Ao perceberem que, mesmo em uma situação extrema como a de uma pandemia, a arte poderia levar mais qualidade aos encontros, promover trocas, diálogo, trabalho e curiosidade, eles passaram intencionalmente a procurar brechas para inventar meios para ampliar o contato e as possibilidades de trabalho com os estudantes, mesmo que, inicialmente, poucos deles fossem alcançados. Ajudá-los a romper, ainda que simbolicamente, com o confinamento, passou a ser a principal meta das equipes, o que fez com que o projeto alcançasse uma real dimensão ética.

Partir do território da escola permitiu que os residentes conhecessem e reconhecessem as realidades dos estudantes e procurassem incluir elementos pertinentes às comunidades em seus planos de trabalho. A ideia de currículo é o eixo central desta perspectiva, o que torna a aula uma parte fundamental do desenho curricular. Mas não um currículo que vem não se sabe de onde, que serve apenas para estagnar a inteligência e a imaginação de educadores e estudantes,

acelerando a queda da nave-escola nas águas turvas da mediocridade intelectual, mas, sim, o currículo entendido como hipótese de trabalho, tal qual o concebia Lawrence Stenhouse (1998), ou seja, como estratégia para alimentar a criação e a investigação, democratizando a relação pedagógica, a produção e o acesso ao conhecimento.

Quando o professor de Arte inclui o pensamento hipotético em suas aulas, saindo do previsível e do ordinário, abre espaço para as possibilidades, para o novo e para as múltiplas formas de pensamento e expressão. Nesse sentido, partindo da observação e da coleta de dados, dos projetos político-pedagógicos das escolas e de muito trabalho conjunto, os residentes criaram e realizaram proposições a partir dos recursos disponíveis, em uma perspectiva hipotética, aberta e flexível. Foi assim que, em uma das escolas, o trabalho se deu exclusivamente pelo *WhatsApp*, único meio de acesso aos estudantes; na outra, foi possível propor e realizar encontros síncronos, e, na terceira, as propostas foram desenvolvidas em salas de aula virtuais, meio pelo qual os professores procuram desenvolver o trabalho pedagógico. Também, foram preparadas atividades para serem publicadas no *Facebook* das escolas, como os *cards* (figuras 1 a 3) que a equipe da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Infante Dom Henrique criou a partir de trechos do livro *Quarto de Despejo*, em homenagem à sua autora, Carolina Maria de Jesus, cujo apelido de infância, Bitita, foi carinhosamente adotado pela escola, que se identifica como *Espaço de Bitita*, não apenas porque a escritora morou no Canindé, bairro onde a escola se localiza, mas, também, porque assumiu, em seu projeto político-pedagógico, uma perspectiva antirracista⁶.

Figuras 1 a 3 – Cards criados pela equipe da EMEF Infante Dom Henrique do Subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica CAPES/USP, a partir de trechos do livro *Quarto de Despejo*



Fonte: EMEF INFANTE DOM HENRIQUE, 2014.

Com suas proposições, os residentes inventaram *paraquedas coloridos* simbólicos, como os sugeridos por Krenak, para enfrentar a dura realidade da pandemia, e convidaram os estudantes a fazê-lo também, ao proporem experiências envolvendo diferentes propósitos e materialidades. Os *paraquedas* serviram para algumas urgências e necessidades, como: falar da vida e da morte, levantar-se da cadeira e mexer o corpo, caminhar, correr, dançar, saborear, cheirar, ver, olhar, deixar-se ver; cantar, desenhar, escrever, conversar, imaginar, sonhar, se deslocar, capturar sons do ambiente, olhar pela janela, olhar-se no espelho, aventurar-se em uma floresta, mergulhar em um rio, inventar um personagem, e assim por diante... Mas, mesmo com toda a riqueza do trabalho realizado, não há como não haver certa frustração entre os residentes por não terem podido propiciar aos estudantes o que sabem que seria possível em um cenário normal, tendo a arte como parceira, porém, também sabem que fizeram o que estava ao alcance das suas mãos, o melhor que lhes foi possível nas circunstâncias atuais, e sempre com muito comprometimento, responsabilidade e respeito às escolas e aos estudantes.

Os residentes não encontraram respostas definitivas, mas, sim, *possibilidades* de respostas para elas. Hoje, sabem um pouco mais dos limites, desafios e potencialidades da arte/educação em situações-limite, um pouco mais do valor do trabalho coletivo e da necessidade de se fortalecerem para darem continuidade à caminhada como professoras e professores de uma disciplina que, infelizmente, continua sofrendo com o descaso, o preconceito e as perigosas deturpações e abordagens que colocam em risco sua natureza e razão de ser. Também, compreendem melhor algo muito precioso para o ofício de professores e professoras, que, desenvolvendo a capacidade de atenção, empatia, escuta e diálogo e percebendo-se parte de um coletivo, que tem a arte como parceira, inclusive para a criação das suas aulas, poderão fortalecer seus propósitos como artistas e educadores e enfrentar os desafios de qualquer contexto.

Mas é necessário assinalar que as possibilidades inventadas pelos residentes e preceptores do Subprojeto Arte, de modo algum, são uma solução

para o grande dilema “arte/educação à distância” e a real ameaça da aula de arte se dissolver em “ambientes de aprendizagem” e perder sua materialidade e concretude e, talvez, o seu sentido. O justo trabalho desenvolvido por eles talvez possa apenas e tão somente inspirar outros jovens e outros professores a enfrentar com coragem as dificuldades e aprender com elas, estudando, arriscando, experimentando, criando e construindo possibilidades de caminhos para a arte/educação, que também é uma forma de cuidado com o mundo e de ajudá-lo a se transformar.

E aqui, pela esperança que suas palavras carregam e por nos convocar à nossa tarefa, vale lembrarmos sempre das palavras de Hanna Arendt a respeito da educação:

A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum (ARENDR, 2011, p. 247).

Os jovens também precisam se implicar nessa tarefa de cuidado e renovação do mundo a que a filósofa nos convoca, e uma espécie de ensaio para assumi-la pode ser apreciado no texto escrito coletivamente pelos residentes da equipe do Subprojeto Arte da EMEF Desembargador Amorim Lima, que faz uma bela síntese da experiência singular que vivenciaram no Módulo I e condensa tudo o que os envolveu – desejos, expectativas, frustração, medo, alegrias, descobertas, conhecimentos, contradições e preocupações –, assim como o discernimento do papel social que muito em breve assumirão como professores de Arte — e *neste mundo*⁷.

Residência - Diálogos

Em uma situação ideal, o estágio presencial permitiria um contato e uma imersão mais intensa com o ambiente escolar, aulas, alunos, professores, funcionários e, para além do espaço físico da escola, possibilitaria um

entendimento mais claro do entorno e das características políticas, geográficas, socioeconômicas e culturais da comunidade, dos responsáveis, da administração e da direção da escola. As aulas teriam salas com janelas, portas, mesas, canetas, lápis e mochilas; os nomes e as vozes teriam rostos e corpos; seria possível ver os olhares e a linguagem corporal de um número normal de alunos; notar melhor o funcionamento ou não das regras do espaço escolar e ter uma noção palpável de quantas pessoas frequentam o espaço, andam nos corredores, fazem as refeições e dão corpo a escola.

O contexto atual da pandemia e do distanciamento social torna a observação, a regência e a interação tarefas muito mais complicadas e abstratas: como construir algo significativo a partir disso? Nosso maior desafio tem sido encontrar uma maneira de interpretar e articular aquilo que pudemos observar da comunidade, das pessoas com as quais conversamos, dos hábitos e vozes, ainda que fragmentados e mediatizados pelas telas, com nosso projeto e propósito em arte/educação.

Esperávamos colocar em prática tudo o que aprendemos nesses anos de graduação. Tínhamos na mochila a nossa arte e a ansiedade no coração. A expectativa do encontro, da presença, da regência. A mochila precisou ficar em casa. O online persistiu. Apesar de tudo, nenhum de nós desistiu. Como encontrar espaços para o ensino e aprendizagem de arte neste momento em que as possibilidades já estão reduzidas? Se mesmo presencialmente o desafio seria bastante grande, imagina agora nessa conjuntura tão atípica. Imagina! Imaginar o tempo todo, porque só munidos de criatividade e força conseguiríamos lutar por isso. E como lutamos! Estudamos muito sobre a Amorim Lima, escrevemos sobre ela, conversamos...

Quem são essas pessoas? Como elas se articulam na comunidade? O que iríamos construir em nossas redes de atividades? Redes de trabalhos e afetos sendo construídas na rede da internet. A fragilidade era real. E quando não?

A partir do que conhecemos sobre a escola, seu projeto e seus sujeitos, foi possível criar ações que fizessem sentido. A aula como experiência, interação, diálogo. Para o aluno e para a gente. Residente. E como o tempo nos engana. Na prática é diferente. Aprender a controlar o tempo? Administrá-lo é mais coerente.

Erramos um bocadinho de vezes, vários planejamentos viraram pó – ainda mais quando estávamos propondo dinâmicas, jogos, aí deu nó. Mas deu bom também, o dueto expectativa X realidade sempre vem. O que queríamos que fosse no calor dos corpos na presença, teve que ser na força da comunhão e sapiência. Ah, e muita paciência. A rede tomou forma, mas longe de ser homogênea.

E como fechar as pontas soltas que a proposta gerava sem deixar as conquistas inesperadas de lado? Tudo teve que ser bem pensado. Não podíamos prever os resultados, mas ficávamos mais conscientes. Residentes.

O projeto da escola abarca a interdisciplinaridade. E quando soubemos disso, aí é que trabalhar deu mais vontade. Seguimos Roteiros, Tutorias, Rodas de Conversa, “Semana da Cultura”. Mas no distanciamento da pandemia muito se deixou por fazer. Não tínhamos como conhecer tudo o que estávamos entusiasmados para viver. Ainda não deu, mas cavamos em meio ao que a situação permitia: oficinas de “Teatro de Sombras”, juntar Arte e Antropologia, Kizomba, Mobilização e Cidadania.

Fazer contação de histórias e sentir o corpo através das telas; e na interação de jogos conversar sobre elas.

Dar aulas para três esperando vinte e pensando nos dezessete que não conseguiram estar. A educação em disputa e a desigualdade social é algo que temos consciência de que teremos que enfrentar. Tal é a importância desses passos que demos para a nossa formação. Saber que coletivo é sinônimo de união.

Orientação; acompanhamento; aconselhamento; espaço de discussão. Sempre amparados pelos docentes, seguimos nossa jornada na certeza de que sem eles não teríamos conseguido nada. Unir para fazer coisas juntos e que essas coisas tenham significado, para discentes, para a população, para nós enquanto docentes e cidadãos. Assim, seguimos nos erros e acertos, saltos e tropeços dessa mais que inusitada vivência. Residência.

As experiências, mesmo as mais difíceis, quando submetidas à reflexão, geram conhecimentos preciosos. É o que se observa neste texto dos residentes, que estão aprendendo a trabalhar com o dueto “expectativa X realidade”, conforme escreveram. A qualidade da reflexão indica quão profícua está sendo a formação no âmbito do Subprojeto, mesmo em um contexto tão desfavorável; também indica que, mesmo estando muito distantes do prédio escolar, eles estão conseguindo acessar a parte mais essencial dos territórios das escolas, que são os seus estudantes, dedicando a eles toda a sua atenção e escuta.

Essa postura de natureza profundamente ética e humanística, observada nos três grupos de residentes, só foi construída pelo enfrentamento individual e coletivo da realidade, mas não para diante dela estagnar, e, sim, para, a partir dela, inventar, criar. A própria invenção como atitude existencial já é uma forma de resistência e de esperança.

Então as coisas não são o que são? Depende. São o que são e o que podem ser. E o homem? O mesmo. Somos as nossas propriedades reais e o imprevisível desabrochar das nossas possibilidades. Híbridos da realidade e da possibilidade, somos cidadãos divididos entre a realidade e o desejo. (MARINA, 1996, p. 31).

A inteligência humana aspira à sabedoria, à liberdade e à invenção, mas não prescinde do conhecimento da realidade. Pode-se dizer a mesma coisa sobre a docência da arte: a práxis educativa criadora parte da realidade dos contextos para transpô-la, inventando outras realidades. E, assim como ocorre com o

trabalho do artista, que inventa novas realidades com suas obras, o movimento criador que sustenta o ato criativo do professor não se esgota com a consecução de suas obras.

A inteligência criadora não tem fim. Satisfaz-se e se fortalece com o trabalho. Nunca se esgota. Logo encontra outro objeto para colocar sua atenção e energia. Esse é o motor da transformação do mundo, para o bem e para o mal, por isso a arte é imprescindível à vida, à educação, à escola. Ela alimenta o motor para um tipo de trabalho que nenhuma outra área é capaz de realizar. Essa talvez seja a principal e mais valiosa aprendizagem que o Subprojeto Arte do Programa de Residência da Universidade oferece aos licenciandos de artes.

Às vozes de Ailton Krenak e José Antonio Marina, que me acompanharam ao longo desta reflexão, integro a de Elliot Eisner, extraída do ensaio com o sugestivo título de *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* (2008). Como os dois filósofos, Eisner também se preocupa com os destinos do mundo e de seus habitantes e vê a arte na escola como um poderoso espaço para a libertação das amarras que nos impedem de inventar outras possibilidades de existência. Há de seguirmos o seu conselho e esticarmos-nos para alcançar as estrelas.

A imaginação não é um mero ornamento, tal como a arte. Juntas podem libertar-nos dos nossos hábitos enrijecidos. Elas podem ajudar-nos a restaurar um propósito decente para os nossos esforços e a criar o tipo de escolas que as nossas crianças merecem e que a nossa cultura precisa. Tais aspirações, meus amigos, são estrelas pelas quais vale a pena esticar-se. (EISNER, 2008, p. 16).

Notas

- ¹ Os nomes dos estudantes que produziram os trabalhos citados ao longo deste texto foram omitidos para preservar suas identidades.
- ² Participam do Subprojeto três escolas públicas municipais de São Paulo: EMEF Infante Dom Henrique, localizada na região do Canindé; EMEF Ibrahim Nobre, localizada na Vila Alba, e EMEF Desembargador Amorim Lima, localizada na Vila Gomes. Os professores de Arte preceptores das três escolas são, respectivamente: Carolina Cortinove Tardego, Mariana Zanetic e Paulo Vinícius Paiatto.
- ³ Trinta e seis estudantes dos cursos de licenciatura da Universidade participam do Subprojeto Arte, sendo nove de Artes Cênicas, vinte e um de Artes Visuais, cinco de Música e um de Educomunicação, dos quais vinte e quatro são bolsistas da Capes, onze são bolsistas do Programa Unificado de Bolsas da Universidade e dois são voluntários. São eles: Alice da Silva Seixas, Antônia Midena Perrone, Brígida Campos M. de Oliveira, Caio Vinícius Bonifácio, Carolina Eiras da Silva Pinto, Daniel R. Alfaro de Miranda, Fernanda Moura da Silva, Flora Camargo Gurfinkel, Gabriela Gregolin Giannotti, Gleice Kely A. da Silva, Helena Kozlakowski Patrício, Hellen Fernanda Silva Rizeto, Henrique de Souza Miranda, Iago Cerqueira dos Santos, Isabella Davini Rodrigues, José Pedro F. Ferraz, Julia Lima da Cunha, Lais D'Addio S. de Moura, Larissa Cavalcante da Silva, Larissa da Cruz Varizi, Lilian Barbosa de S. Gomes, Luísa Torkomian de Campos, Luiza Couceiro Latorre, Luma Gonçalves Alonso, Maitê Miwa Prado Murakami, Marcelo Velozo Yamanoi, Mariana Mendonça Meyer, Marina Reviejo Rigatto, Michele José de Miranda Mello, Pamella C. Croda Catharino, Patricia Moura Sales, Raissa Silva Costa, Tami Ito Tahira, Terenah P. de Lima Stefani, Thiago de Jesus Correa.
- ⁴ O Módulo I foi desenvolvido entre outubro de 2020 e março de 2021 e teve como principal objetivo a imersão dos residentes nas escolas-campo, com o objetivo de conhecerem, pesquisarem e investigarem a realidade das escolas.
- ⁵ O trabalho desenvolvido no Módulo I e grande parte das propostas desenvolvidas pelos residentes constam da gravação da live *Educação e Pandemia: os olhos da arte nas janelas da aulas*, sobre o Subprojeto, realizada no dia 15 de março de 2020. Ver PIBID RP USP, 2020.
- ⁶ O projeto na íntegra pode ser acessado na página da EMEF Infante Dom Henrique no *Facebook*. Ver EMEF INFANTE DOM HENRIQUE, 2014.
- ⁷ Este texto serviu de base para a produção de um vídeo exibido durante a *live* do Subprojeto Arte no canal do Programa de Residência Pedagógica da Universidade no *You Tube*, dia 15 de março de 2020.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- EMEF INFANTE DOM HENRIQUE. Página Inicial, São Paulo, 7 de outubro de 2014. Facebook: EMEF Infante Dom Henrique. Disponível em: <https://www.facebook.com/emefinfante/?ref=page_internal>. Acesso em dez. 2021.
- EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, p.5-17, Jul/Dez 2008.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARINA, José Antonio. *Ética para náufragos*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- MARINA, José Antonio. *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.



PIBID RP USP. Educação e Pandemia: os olhos da arte nas janelas da aula. Youtube, 15 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QNkLfXrkgHs&t=3s>>. Acesso em dez. 2021.

STENHOUSE, Lawrence. *La investigación como base de la enseñanza*. Madrid: Ediciones Morata, 1998.

Sumaya Mattar

Docente do curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais vinculada ao Departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É coordenadora do Subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. Coordena o curso de licenciatura em Artes Visuais e a Comissão Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Artes da ECA/USP. É coordenadora do GMEPAE — Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação. É autora do livro *Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula* e organizadora de várias publicações, entre os quais, *Arte e educação: ressonâncias e repercussões*; *A poética de Shoko Suzuki* e *A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2711-2059>

E-mail: sumayamattar@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9483667475775295>

Recebido em 2 de junho de 2021

Aceito em 4 de agosto de 2021